

# Al-Ândalus

Espaço de mudança

Balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais

Seminário Internacional Homenagem a

## Cerro da Vila (Algarve, Portugal) Aldeia do Mar na época islâmica

**Félix Teichner**

CEIPAC – Universidad  
de Barcelona  
Dpt. de Prehistoria,  
Historia Antigua  
y Arqueología

**Thomas Schierl M.A.**

Römisches-Germanische  
Kommission  
des Deutschen  
Archäologischen Instituts

A estação arqueológica do Cerro da Vila (Vilamoura, Portugal), localizada no Concelho de Loulé, a Oeste da cidade de Quarteira, é hoje sobejamente conhecida e este reconhecimento deveu-se, em grande medida, às intensas investigações conduzidas nos anos 70 e 80 pelo Arqueólogo José Luís de Matos – mencionado por Cláudio Torres, durante este seminário, como «o pioneiro da arqueologia islâmica em Portugal». A importância do Cerro da Vila deve-se não só à existência de uma imponente villa romana mas igualmente por se ter descoberto, neste local, um significativo povoado rural da época islâmica do Gharb-al-Andalus (MATOS 1997a/b).

Em 1987 a realização do Congresso sobre «A cerâmica medieval no mediterrâneo ocidental», em Lisboa, em termos gerais contribuiu significativamente para o futuro das investigações da arqueologia medieval. No caso concreto do Cerro da Vila permitiu o conhecimento da cerâmica islâmica aqui encontrada e das influências orientais existentes na sua decoração (MATOS 1983; 1991a/b). Este acontecimento associado às escavações realizadas, nos mesmos anos, nos centros históricos de Mértola e Silves, foram importantes para a posterior evolução rápida da arqueologia islâmica no território português.

Exactamente no início do século XXI concretizaram-se novos esforços para continuar a investigação sistemática do Cerro da Vila. Estas recentes actividades de campo envolveram extensas prospecções geofísicas, assim como sondagens arqueológicas de diagnóstico, que permitiram, entretanto, uma nova imagem da estação romana, enquanto aglomeração portuária localizada nas margens de um extenso paleo – estuário, onde se elaboravam produtos com base em recursos marítimos em diversos complexos fabris de grandes dimensões (TEICHNER 2004, 2005b-c, 2006b)<sup>1</sup>. Nas áreas investigadas foram encontrados não só vestígios do mundo antigo, mas também indícios de ocupação durante a idade média. A sequência das unidades estratigráficas aponta para uma ocupação contínua do sítio, que teve o seu início no mínimo nos finais do século I a.C. e que continuou até à época islâmica (TEICHNER 2005a, 2006b).

Neste sentido, a distribuição dos achados provenientes das escavações realizadas nos séculos XX e XXI prova-nos que houve entretanto uma extensa

<sup>1</sup> O primeiro objectivo do projecto foi a exploração e documentação de todos os vestígios construtivos visíveis ou indicados nos relatórios das investigações anteriores. Os vários elementos romanos localizados no Cerro da Vila foram agrupados, em dezasseis unidades arquitectónicas (fig. 1, comp. TEICHNER 2005b-d; 2006b); A. Casa nobre; B. Corredor com instalações sanitárias (latrinas); C. Termas grandes; D. Pequena piscina com mosaicos, que provavelmente pertenceria a um triclinio a céu aberto; E.-G. Casas de habitação; H.-J. Fábricas para a elaboração de produtos cuja base seriam os recursos marítimos; K. Mausoléu templiforme, L.-M. Casas pequenas; N. Necrópoles de inumação; O. Mausoléu torriforme; P. Aqueduto.

ocupação do sítio na época islâmica. Com exceção da zona mais a Este (parte Este da fabrica J e necrópoles N-P), o povoado islâmico ocupava todo o terreno da anterior aglomeração romana (fig. 1). Além disso, vários achados provenientes da zona a Sul do terreno actualmente protegido pela lei, e hoje em dia integrado num complexo turístico, indicam uma continuação do povoado nessa direcção. Devido à execução de diversas intervenções de limpeza profunda e à intensiva conservação das ruínas romanas, durante o século XX, é hoje muito difícil reconstruir a arquitectura original desta aldeia islâmica. Para além dos vários silos de armazenamento, pelo menos alguns dos muros a Sul da reutilizada casa romana A, têm de ser analisados como restos de construções de edifícios islâmicos (A65.1-4)<sup>2</sup>. Para uma interpretação correcta das recém-descobertas construções arquitectónicas, na parte Oeste da anterior fabrica romana J (J52-55), que devem pertencer a um bairro islâmico, falta ainda fazer uma escavação mais completa, programada para os próximos anos.

Como exemplo da reutilização de construções romanas na época islâmica, neste momento temos a unidade arquitectónica H, inicialmente construída na época romana como fábrica de produtos com base em recursos marinhos. Possuía três grandes armazéns, cada um com três naves

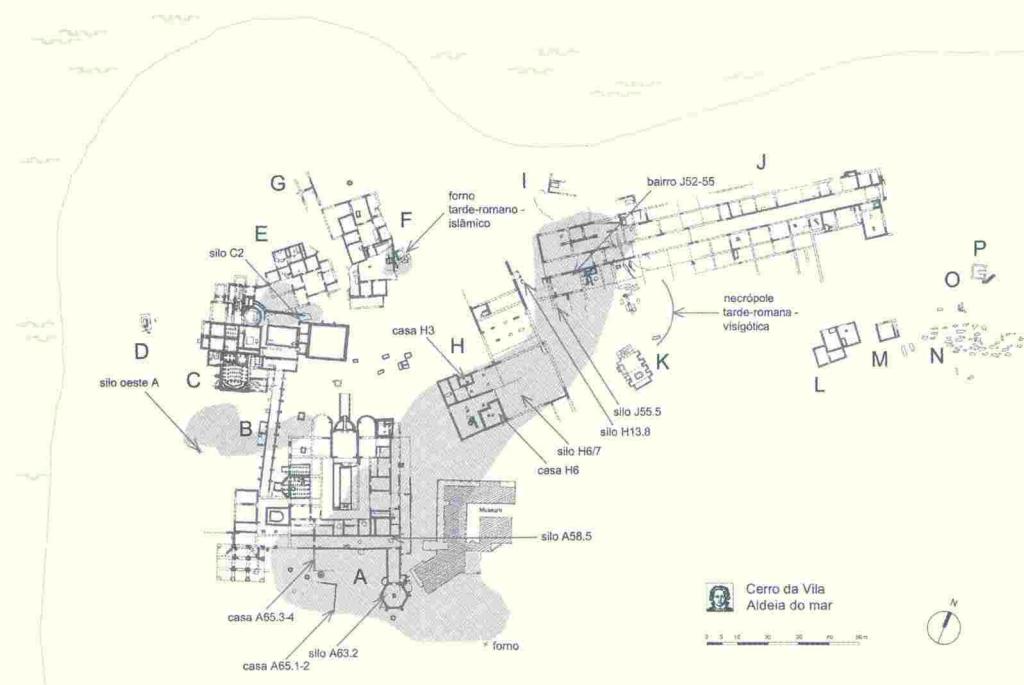


Fig. 1 – Planta geral da aglomeração romana – islâmica do Cerro da Vila (Quarteira) com as diversas unidades arquitectónicas (A-P) identificadas durante as últimas investigações arqueológicas (ver nota 1). Estão indicados: a distribuição dos achados islâmicos, as construções e os silos da época islâmica (imagem: N. Schwarcz / F. Teichner).

<sup>2</sup> A estrutura «torre» A6, na esquina noroeste da casa nobre A tem um carácter claramente tardio (anteriormente foi, falsamente, interpretado como castelo de água). Sem a existência de material atribuível a esta construção, não é possível datá-lo com maior exactidão.

e pequenos compartimentos com tanques (certariae) para o processamento de líquidos (sal-samenta e tintura). O procedimento característico da época pós – romana era a separação das grandes estruturas em pequenas unidades arquitectónicas através da construção de muros novos em taipa. Assim no antigo compartimento H5 – anterior armazém romano – instalou-se o novo edifício H6 (fig. 1). O telhado desta estrutura em forma de L era apoiado por um pilar central (fig. 2, A1). Utilizando os muros da antiga construção romana criou-se um novo edifício à volta de um pátio com um forno ou uma fornalha central («maison rural à cour intérieur»). Pelo contrário, na ala Norte do armazém romano vizinho H2 instalou-se o mais modesto edifício monocelular H3 (fig. 2, B1).

Com a descoberta destes dois edifícios conhecem-se portanto, também no Cerro da Vila, os tipos mais emblemáticos das casas rurais da época islâmica. Graças à intensificação da investigação arqueológica, ao longo dos últimos anos, podem identificar-se várias estruturas arquitectónicas com características idênticas às das povoados vizinhos do Gharb-al-Andalus (fig. 2):

#### A – Edifícios rurais com pátio interior da época islâmica

- A1 Cerro da Vila, Loulé (Portugal): TEICHNER 2006b, edifício H6;
- A2 Quinta do Lago, Loulé (Portugal): ARRUDA ET AL. 2003, fig. 2 NH1;
- A3 idem, fig. 2 NH2;
- A4 Alcaria Longa, Mértola (Portugal): BOONE 1993, 113 seg. fig. 1-2 (compound 2); BAZZANA 2002, 224 fig. 13;
- A5 Portela 3, Silves (Portugal): PIRES ET AL. 2003, fig. 5 casa A;
- A6 idem, fig. 5 casa C;
- A7 Alcarias dos Guerreiros de Cima, Almodôvar (Portugal): MELRO ET AL. 2004 fig.1;
- A8 idem, fig. 1 e pág. 74, edifício 5;
- A9 idem, fig. 1 e pág. 75, edifício 1;
- A10 Solana, casa C, Vall de Gallinera (Alicante, Espanha): BAZZANA 1992, 442 lâm. 75 fig. 109;
- A11 Beniomamet, Vall de Gallinera (Alicante, Espanha): BAZZANA 1992, 405 lâm. 76 fig. 111.

#### B – Edifícios monocelulares da época islâmica

- B1 Cerro da Villa, Quarteira (Portugal): TEICHNER 2006b, edifício H3;
- B2/3 Ponta do Castelo, Aljezur (Portugal): GOMES ET AL. 2001, 200 fig. 1;
- B4 Haus V-73, Mollet, Villafanés (Castellón de la Plana, Espanha): BAZZANA 1992, 426 lâm. 271 fig. 396; BAZZANA 2002, 227 fig. 10;
- B5 Tolmo de Minatela, Hellín (Albacete, Espanha): GUTIÉRREZ ET AL. 2003, fig. 18, GU36/38;
- B6 idem, fig. 18, GU29;
- B7 Aldeia dos Mouros, Faro (Portugal): GAMITO 1998, 145 fig. 1;
- B8 Raposeira, Mértola (Portugal): BOONE 2001, 113 fig. 5;
- B9 Costa #2, Mértola (Portugal): idem;
- B10 Queimada, Mértola (Portugal): idem.

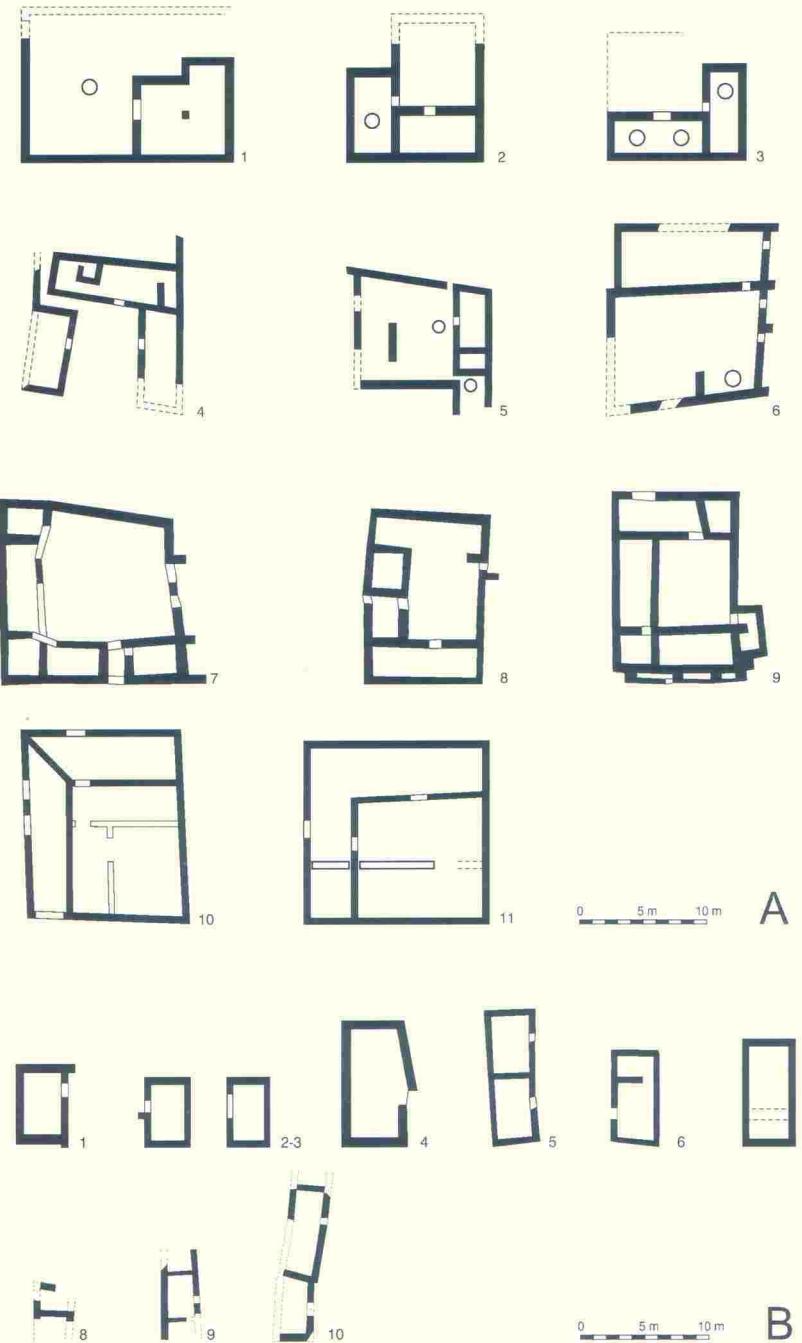


Fig. 2 – Casas islâmicas identificadas no Cerro da Vila (A1 e B1) e construções comparáveis às do Al-Andalus. A: maison rural à cour intérieur (Casa rural com pátio interior). B: type maison monocellulaire isolée (casa monocelular isolada) (imagem: A. Lorenz / F. Teichner).

Para além destes primeiros indícios de arquitectura doméstica no Cerro da Vila, da fase islâmica, os materiais arqueológicos recentemente recolhidos em contextos escavados com estratigrafia bem definida apontam também, para uma nova valorização do enquadramento cronológico desta aldeia no mar<sup>3</sup>. Com este objectivo apresentam-se aqui três unidades estratigráficas (fig. 3): material encontrado entre as fábricas romanas H e J dentro do silo H13.8 (U.E. XIV); material de entulho encontrado dentro dos edifícios do bairro islâmico J52-55 (U.E. XXII) e cerâmicas provenientes do silo J55.5 (U.E. XXIII), localizado também nesse bairro<sup>4</sup>. Para uma melhor interpretação cronológica e tipológica foram reagrupados por unidades estratigráficas os materiais, anteriormente apresentados (MATOS 1991a, agora fig. 4-5 U.E. XXVI-XXXI)<sup>5</sup>. Em termos gerais, a maioria do material é atribuível à área da cerâmica de uso doméstico, nomeadamente as formas usadas para cozinar e para servir comidas e bebidas.

### Série 1 – Potes, panelas e púcaros com pança globular e bordo extrovertido

Bordos extrovertidos com lábio biselado, arredondado ou levemente boleado são característicos em vários recipientes com pança globular. Existem exemplares pintados com engobe ocre – claro ou castanho (XIV-K4.K5) assim como outros sem decoração (XIV-K7; comparar com XXII-K4). A existência de uma ou duas asas e diferenças significativas em relação ao diâmetro e à altura, indicam funcionalidades diferentes (pote, panela, púcaro), mas isso não é claramente visível no material do Cerro da Vila pois este está muito fragmentado. Bordos extrovertidos com lábios simples ou levemente biselados pertencem às formas mais antigas da cerâmica islâmica na Península Ibérica.

Estes elementos morfológicos já se encontravam documentados na época romana e visigótica (ALARÇÃO 1975, 71 seg. lâm. 17, 342; 86-99 lâm. 27, 554; 28, 570. 577; 34, 697.703.708) e eram aplicados quer na cerâmica de torno lento, ou de torno, nos séculos seguintes à conquista islâmica (CAMINO ET AL. 2003, 518 seg. tipo 2; GOMES 2003, 499 fig. 278 C8-32; ALBA ET AL. 2003, 495 fig. 8; 497 lâm. 10). Os fragmentos de torno, sem decoração, normalmente com uma única asa com arranque no bordo (XIV-K7; XXII-K4.K10) mostram tipologias características, bem comuns até aos séculos X e XI (CATARINO 1998, 763 seg. tipo 1A). Para exemplares com proporções mais pequenas, existem boas referências em contextos emirais e no início da época califal (CATARINO 1998, 783 tipo 9A; ALBA ET AL. 2003, 498 fig. 11, jarro 1; comparar com 497 fig. 10, olla 1; SALVATIERRA ET AL. 2000, 172 fig. 74,1-2).

Como resultado da evolução da forma dos potes pode-se notar a continuada tendência de dar um perfil mais cilíndrico à pança originalmente globular (GOMES ET AL. 2003, 33 fig. 4, Q10/C4-5; 43 fig. 12, Q6/C4-1; comparar com a nossa série 3), como também a intenção de sublinhar melhor o colo. Como resultado desta evolução têm de ser vistos dois fragmentos de pasta ocre – branco com manchas de engobe e bordo, com tendência para ser aplanoado (XIV-K4.K5). Um terceiro bordo da mesma U.E. (XIV-K6) está também aplanoado no exterior enquanto que na leve curva do bordo no

<sup>3</sup> Para a época de transição entre o mundo tardio romano e a época visigótica no Cerro da Vila: ver: TEICHNER 2005a.

<sup>4</sup> A numeração das U.E. segue a continuação do sistema já introduzido em TEICHNER 2006b para as U.E. da época romana. Nesta obra encontra-se também o catálogo detalhado das peças com uma descrição das pastas e das decorações.

<sup>5</sup> As U.E. representam o material proveniente de 5 silos e as cerâmicas encontrados na área de um forno islâmico (MATOS 1991a; TEICHNER 2006b). Mas pelo que se entende da documentação da antiga escavação, este forno nada tem a ver com uma produção local de cerâmica.

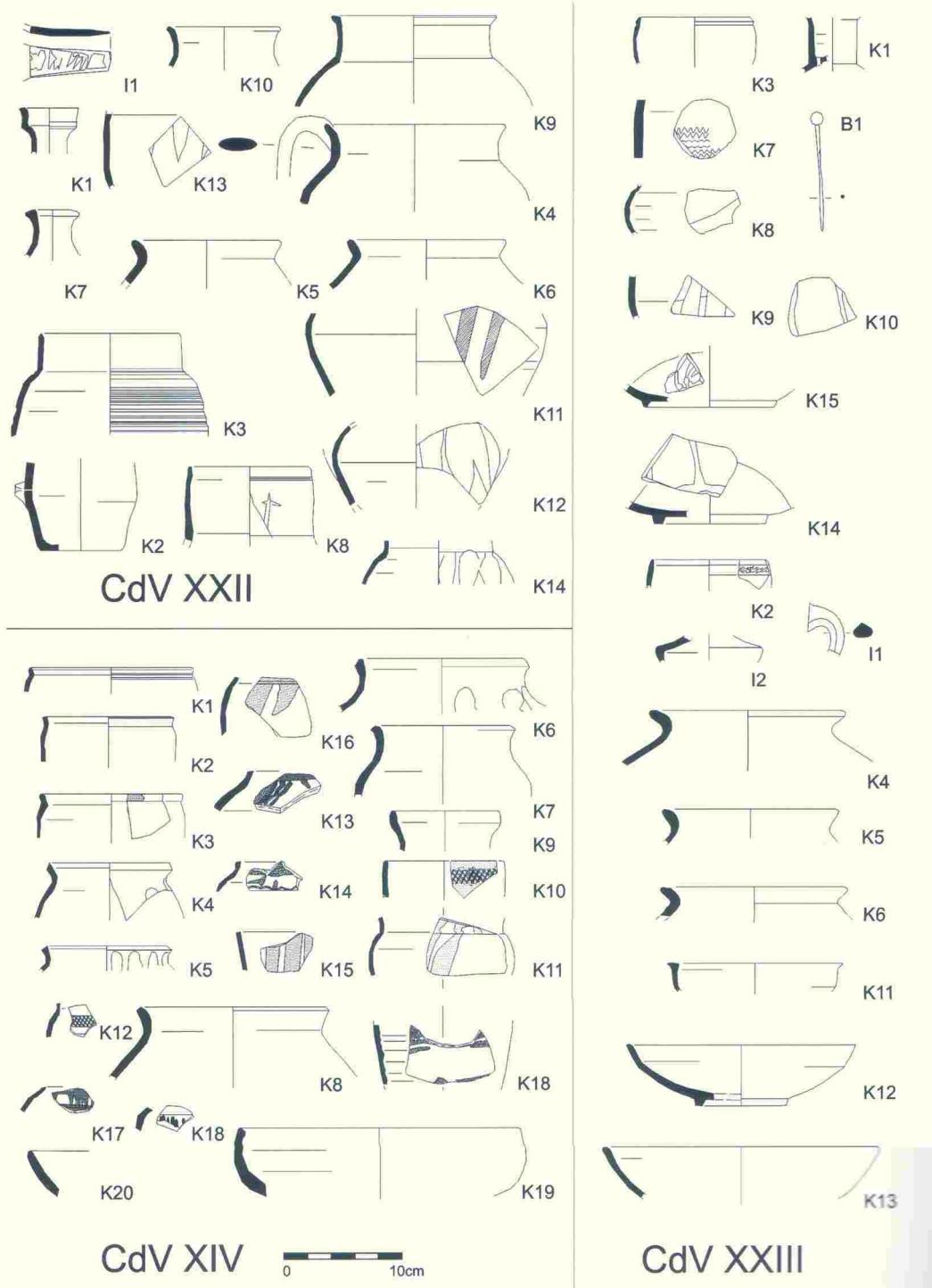


Fig. 3 – Cerâmica islâmica proveniente das últimas escavações no Cerro da Vila. Unidade estratigráfica XIV proveniente do silo H13.8; XXII encontrada na área do bairro islâmico J52-55 na zona da fábrica grande J; e XXIII proveniente do silo J55.5 (imagem: TEICHNER 2006b).



Fig. 4 – Cerâmica proveniente das escavações de J. L. de Matos de silos islâmicos no Cerro da Vila (Vilamoura). Unidades estratigráficas XXVI (sílo A63.12); XXVII (sílo Oeste da Casa Nobre A) e XXVIII (sílo na área de H7) (imagem: A. Lorenz através de Matos 1991a).

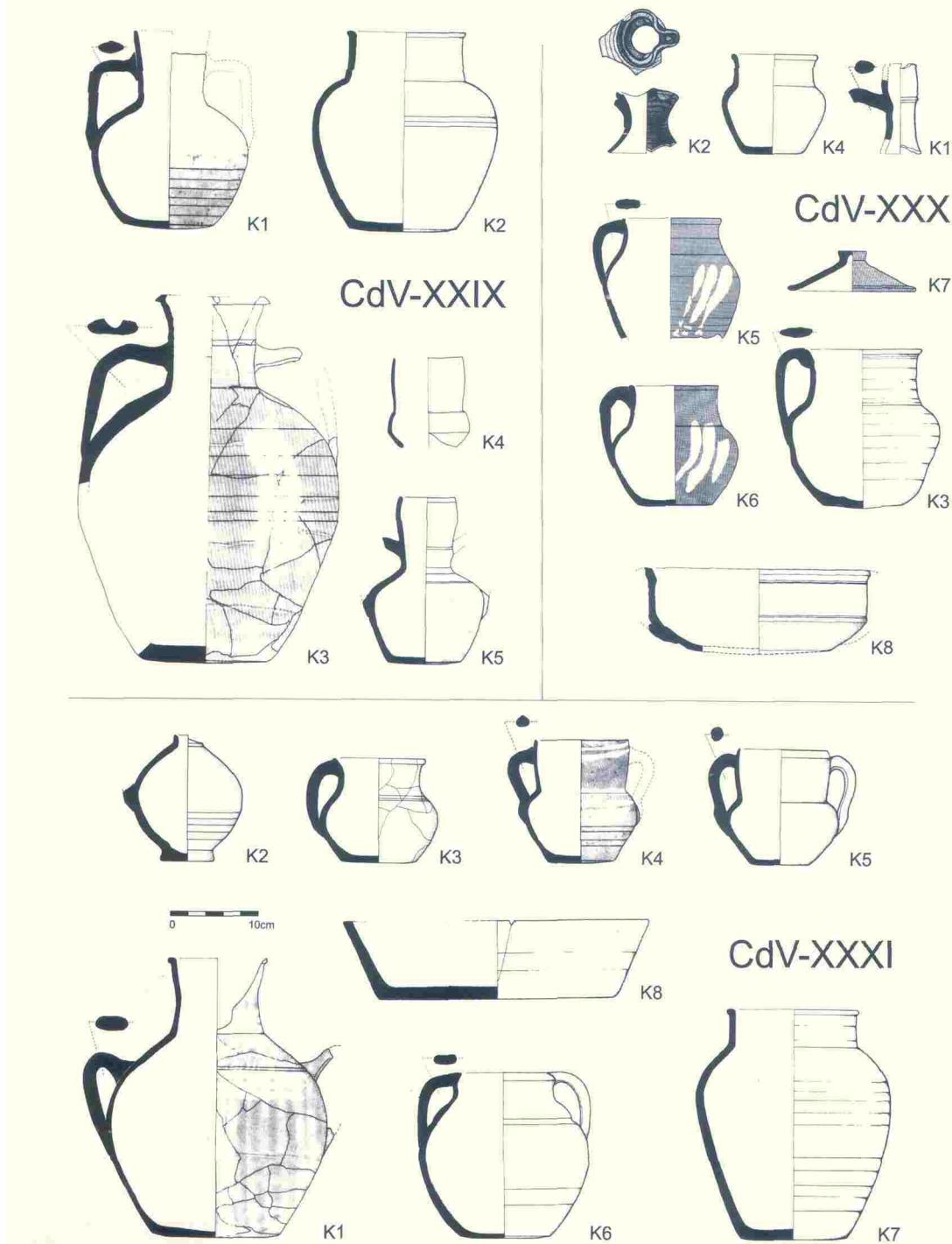


Fig. 5 – Cerâmica proveniente das escavações de J. L. de Matos de silos islâmicos e de um forno da mesma época no Cerro da Vila (Vilamoura). Unidades estratigráficas XXIX (silo na zona das termas C2); XXX (silo A58.5) e XXXI (forno a Sul da Casa Nobre A) (imagem: A. Lorenz através de Matos 1991a).

interior mostra um pequeno encaixe que funcionava como garganta interna. Características iguais, já conhecidas nos potes tardo – romanos (ALARÇAO 1975, lâm. 34, 696. 700. 703; CAMINO ET AL. 2003, 520 seg. tipo 4; CEVPP 57 fig. 7, 23; 61 fig. 11, 6.7), são atribuídas à forma 2B da tipologia de H. Catarino, datável entre os finais da época califal e o século XII (CATARINO 1998, 763 seg.; comparar com GOMES 1988, 104 seg. 202 Q3/C5-4). A funcionalidade do bordo oblíquo formando uma garganta interna para acolher uma tampa revelou-se tão útil, que este elemento continuou em uso na cerâmica comum das épocas taifal e almóada (CATARINO 1998, 764 tipo 2B). Podem ser atribuídos a esta fase vários exemplares (XXVI-K6.K14; XXVII-K1; XXX-K5). Outras variantes (XXVI-K14; XXXI-K6) com o bordo mais voltado para o interior, que no espólio encontrado no Castelo de Silves datam do século X (GOMES 1988, 204 Q3/C5-1.7), enquanto que as peças estudadas em Évora são atribuídas aos séculos XI e XII (TEICHNER 2006a, fig. 13 F637; comparar com TRINDADE ET AL. 2003, 149 fig. 5).

Um último grupo de potes é definido por um bordo dobrado para o exterior (XIV-K8; XXII-K5.K6; XXIII-K4-K6). O ângulo formado no exterior entre o bordo e o ombro é quase de 45º, enquanto que no interior a linha do bordo se apresenta arredondada. Como em vários outros casos, podem identificar-se características paralelas na cerâmica comum romana (ALARÇAO 1975, lâm. 25, 517.519; 49, 885). Bem conhecida ainda nos séculos VII-VIII (CAMINO ET AL. 2003, 522 tipo 5-6; CEVPP 57 fig. 7, 18), esta variante do bordo foi produzida até aos séculos X/XI (VALDÉS 1985, 119 fig. 7,1; 123 fig. 11; MOTOS 1991, lâm. 4, 32. 43. 50. 51. 55).

### Série 2 – Potes com colo quase cilíndrico

Em contraste com os potes da série anterior, neste segundo tipo há sempre uma clara separação entre a pança e o colo. Como resultado criavam-se colos cilíndricos ou quase cilíndricos. Todos os materiais foram feitos em pasta castanha ou amarelada, às vezes de cozedura fortemente redutora.

Dependendo de recipientes com um cordão ou um encaixe entre a pança e o colo, (ALBA ET AL. 2003, 497 fig. 10 olla 3; GOMES 2003, 498 lâm. 277 Q3/C8-56; 500 lâm. 279 Q3/C8-43), estes potes de colo quase cilíndrico possuíam bordos boleados por exemplo em Madīnat az-Zahra<sup>1</sup> (VALLEJO ET AL. 1999, 156 fig. 13, 1; 159 fig. 20; 172 lâm. 13), assim como em contextos dos séculos X e XI (VALDÉS 1985, 199 fig. 70). No caso das panelas já com panças mais ovóides que esféricas, características das fases almorávida, almóada e pós – islâmica, mostram as mesmas características no colo (MACIAS 1996, 16; GONÇALVES ET AL. 2003 pasta ocre – branca, tipo A-B).

Com a sua decoração com abundantes caneluras, um outro recipiente encontrado parece-nos muito incomum (XXII-K3). O mais provável é que se trate de uma forma importada do Oriente ou do Norte de África. Produtos peninsulares com colos verticais não decorados, atribuíveis ao século X, não são comparáveis (MOTOS 1991, lâm. 7, 71; 74-II).

### Série 3 – Jarro com gargalo quase cilíndrico

Estas formas distinguem-se da série 2 pelas suas proporções mais pequenas e a sua relação entre a altura do colo e da pança ser mais equilibrada. Tradicionalmente o colo apresenta-se levemente arqueado

pelo interior, o bordo simplesmente arredondado ou levemente dobrado para o exterior. Podem distinguir-se exemplares de pasta castanha avermelhada e de pasta ocre – branca, sempre com decorações em manchas ou linhas de engobe contrastante. Só em um jarro se pode identificar restos de vidrado.

As formas com pança globular e colo cilíndrico (XIV-K11; XXII-K14) são uma forma típica da época islâmica. São dependentes dos potes de perfil contracurvado e podem ser encontradas na cerâmica doméstica desde os inícios da época islâmica (FUERTES ET AL. 1993, 776 lâm. 1, 22. 24; ALBA ET AL. 2003, 498 lâm. 11; GOMES 2003, 390 fig. 225, Q39/C3-I). Comparáveis com o material proveniente do Cerro da Vila são as variantes da fase califal (MATOS 1991, fig. 12, 1-10). Um outro fragmento (MATOS 1991a, Nº. 062) pode ser atribuído às formas conhecidas desde a época emiral – califal até ao início dos reinos das taifas (TORRES ET AL. 1991, 504 Nº. 011; GUERRA ET AL. 1993, 95 fig. 3; CATARINO 1998, 783 tipo 9B). Nomeadamente, para os exemplares com banda de reticulado em engobe (XIV-K10.K16; XXVIII-K2; MATOS 1991a, Nº. 133), vários achados da camada 8 do Castelo de Silves datados entre o século VIII e o início do século IX (GOMES 1988, 195 Q3/C8-33-34) e outros em Mértola atribuídos ao século X, são de especial interesse (TORRES ET AL. 1991, 502 Nº. 005). Para outras bilhas com manchas de engobe (XIV-K11.K12.15) os jarros encontrados na Alcáçova de Badajoz são comparáveis (VALDÉS 1985, 208 seg. fig. 81-85).

Outros detalhes da morfologia dos jarros do Cerro da Vila são também conhecidos na cerâmica comum do Gharb-al-Andalus: o colo dos jarros pequenos (XXII-K8; XXIII-K2.K3) é atribuível à forma Catarino 8B1, datada dos séculos X e XI (CATARINO 1998, 780). Exemplares com o corpo bem acentuado, quase poligonal encontram-se principalmente em contextos emirais (GOMES 1988, 195 Q3/C8-33-34; RETUERCE ET AL. 1991, lâm. 1, 10; ÍÑIGUEZ ET AL. 1993, 128 seg. lâm. 6, 9.10.11.13; ACIÉN ET AL. 2003, 424 fig. 9, 77.79; comparar com CASTILLO ET AL. 1993, 88 lâm. 6, 13; GUTIÉRREZ 1996, 130 séries V20.2), mas às vezes são-lhes ainda atribuídas as fases tardo – califal e taifal (TORRES 1987, fig. 15- 16; CARVALHO ET AL. 1993, 50 fig. 89, 110; ARRUDA ET AL. 2003, 258 fig. 5, 1).

Jarros com corpo menos acentuado, mas hemisférico (XXVI-K10.K11.K12; XXXI-K4.K5) estão datados na zona do Algarve entre os finais da época califal e a época do reino das Taifas (CATARINO 1998, 780 tipo 8B1). Outras variantes com colo mais curvado (MATOS 1991a, Nº. 012) encontram paralelos na época emiral (ACIÉN ET AL. 2003, 424 fig. 9, 82) e estão atribuídos no Gharb aos séculos X e XI (TORRES ET AL. 1991, Nº. 004; VIEGAS ET AL. 1999, 121 fig. 5, 16). Um exemplar de grande dimensão com duas asas (MATOS 1991a, Nº. 133) é comparável com a cerâmica datada nos séculos IX e X em Mértola (TORRES ET AL. 1991, 502 Nº. 005). Finalmente os pequenos copos com um lábio dobrado para o exterior (XIV-K1.K2.K3) encontram-se principalmente em estratos do século XI (VALDÉS 1985, 144 lâm. 32, 23; 145 lâm. 33, 11.14; 94, 2; RAMALHO ET AL. 2001, 173 Nº. 9; comparar com COELHO 2000, 219 fig. 1, 20).

#### Série 4 – Bilha com colo cilíndrico

Recipientes com duas asas e com colo alto e bordo arredondado (XXIX-K3) encontraram-se no Gharb-al-Andalus em contextos emirais e taifais (CATARINO 1998, 795 tipo 14A). No castelo de Silves existem exemplares com bordo horizontal (GOMES 1988, 193 Q3/C8-29-30); bilhas bem comparáveis às de Madīnat az-Zahra<sup>1</sup> com uma decoração em manganês e verde (CANO 1996, 80 seg. fig.

20-22). O material publicado de Mértola indica uma cronologia dos séculos X e XI (TORRES ET AL. 1991, 525 fig. 72-73) com continuidade até à primeira metade do século XII (MACIAS 1991, 417 Nº. 34-35, comparar com VIEGAS ET AL. 1999, 162 lâm. 13, 10-12). No caso de das bilhas com duas asas, o colo já se apresenta levemente arqueado (XXIX-K1.K5; MATOS 1991a, Nº. 008; comparar com ALBA ET AL. 2003, 498 fig. 11 cantarilla). Em relação às asas verticais e à decoração com engobe estas podem ser atribuídas ao século XI (FERNANDES 2001, 193 fig. 12; RAMALHO ET AL. 2001, 176 Nº. 15).

As bilhas eram, na sua maioria, produzidas em pasta castanha ou vermelha com uma decoração com engobe no colo e nas asas. Só um único fragmento do colo (XXIII-K1) mostra uma pasta fina ocre, com um pequeno filtro entre a pãanca e o colo (comparar com CASTILLO ET AL. 1993, 109 fig. 18, 9-10).

#### Série 5 – Bilhas de bocal redondo

As raízes destas bilhas ou cantarinhas com um bordo que forma um pequeno lábio externo (XXII-K7) ou bordo canelado formando um L (XXII-K1) mais uma vez encontram-se na cerâmica comum da época romana (ALARCÃO 1975, lâm. 23, 459; 25, 508; 28, 584). Para provar esta continuidade basta referir alguns exemplares, provenientes de contextos visigóticos em Mérida (ALBA ET AL. 2003, 496 fig. 9 jarra/o) ou outros datados do século IX, encontrados em Arcávica, Cuenca (ALVAREZ 1987, lâm. 1 J).

#### Série 6 – Jarros de bocal trilobado

O elemento mais característico para este grupo de jarros ou cantarinhas com bordo oblíquo envasado, é o bocal trilobado que forma um bico para facilitar a saída do líquido (XXX-K2; MATOS 1991a, Nº. 115). Baseado nas tradições tardo – romanas, estes jarros são muito comuns até à época califal no século X (CASTILLO ET AL. 1993, 91 lâm. 8; GUTIÉRREZ 1996, 110 fig. 39 T17.1-2; 111 fig. 40 T18.3; CATARINO 1998, 797 tipo 15A.1; ALBA ET AL. 2003, 497 seg. fig. 10-11; CAMINO ET AL. 2003, fig. 11).

#### Série 7 – Bilhas com colo alto (Redoma)

Num dos exemplares provenientes das antigas escavações do Cerro da Vila, o corpo globular e a decoração com manchas de engobe em manganês são bem característicos da produção islâmica (MATOS 1991a, Nº. 049). A forma da decoração encontra paralelismo por exemplo num fragmento proveniente dos estratos islâmicos na villa romana de Milreu (TEICHNER 1994, 94 fig. 7, 1; TEICHNER 2006a, tipo F1a fig. 3), o que aponta para uma cronologia califal. Outro exemplar, caracterizado por uma base convexa plana (XXXI-K2), não pertence com certeza a uma produção antiga. Juntamente com o vidrado melado tudo parece apontar para uma cronologia almorávida (RETUERCE ET AL. 1991, 316 lâm. 2, 13; CATARINO 1998, 797 tipo 15C).

Atribuível aos séculos IX ou X, temos um bordo com garganta interna de uma outra bilha (MATOS 1991a, Nº. 0108; ver: CASTILLO ET AL. 1993, 91 fig. 8, 2; 111 fig. 19, 2; ÍÑIGUEZ ET AL. 1993, 127 fig. 5, 9-10; GUTIÉRREZ 1996, 110 fig. 39 T17.1.2-3;). Um fragmento da garganta (XXX-K1) com uma dobra pro-

nunciada encontra paralelismo em complexos de cerâmica dos séculos X-XI (CASTILLO ET AL. 1993, 92 lâm. 9, 1-2; CATARINO 1998, 797 tipo 15B). A grande variedade dos elementos morfológicos destas bilhas é bem visível no material proveniente do povoado El Castillón (MOTOS 1991, lâm. 11).

### Série 8 – Aquamanis

Este jarro com corpo piriforme e bico vertedor apresenta-se pintado com motivos geométricos em engobe, uma técnica em princípio já conhecida desde a época emiral (MATOS 1991a, Nº. 057). Num outro caso a combinação com manchas de vidrado verde entre as linhas de manganês (corda seca parcial), implica uma cronologia posterior, não antes da época califal ou mais provavelmente taifal (XXVIII-K1; CATARINO 1998, 825).

Como também num exemplar, proveniente das escavações realizadas no templo romano de Évora (TEICHNER 2006a, fig. 5 F192), a base plana não acentuada ou alargada pode ser um indício para uma produção da época dos reinos das Taifas.

### Série 9 – Tigelas hemisféricas

Estas tigelas com corpo levemente arredondado (XIV-K20; XXIII-K13) já são bem conhecidas de contextos emirais, mas a sua maior distribuição chega até aos séculos X-XI, principalmente com aplicações em engobe e vidrado (VALDÉS 1985, 231 fig. 92; 232 fig. 93; 247 fig. 104; GOMES 1988, 188, 190; CANO 1996, 64 fig. 4; 78 fig. 18; CATARINO 1998, 774 seg. SALVATIERRA ET AL. 2000, 145 fig. 61, 6; MOTOS 1991, 32). Inicialmente produzidas com base plana, dominam a partir da época califal as variantes com pé anelar alto e bordo boleado e moldurado (RETUERCE ET AL. 1991, lâm. 3), ainda que se possa encontrar estes detalhes anteriormente (SALVATIERRA ET AL. 2000, 145 fig. 61, 9-10).

Exemplares com bordo voltado para o interior e lábio espessado (XIV-K19) podem ser observados em contextos almóadas. Formas mais simples ainda sem pé encontram-se já em épocas anteriores (RETUERCE ET AL. 1991, 317 lâm. 3, 1-2; VIEGAS ET AL. 1999, 142 fig. 9; FERNANDES 2001, 192 fig. 9 a. i. j; 10 m), enquanto que as variantes dos séculos X e XI – por exemplo no caso de Badajoz – são decoradas com vidrados nos tons característicos da época islâmica (VALDÉS 1985, 232 fig. 93, 3; 247 fig. 104, 3).

Igualmente, variantes com uma tendência para sublinhar a parede com uma leve moldura (ver nossa série 10) (XXIII-K12; MATOS 1991a, Nº. 045) são já conhecidas dos contextos emirais e eram produzidas nas épocas califal e taifal com decorações em vidrado (CASTILLO ET AL. 1993, 107 fig. 17, 1. 2; VALDÉS 1985, 247 fig. 104, 3).

### Série 10 – Tigela carenada

Uma tigela carenada, com a parede superior quase vertical, apresenta o lábio exterior triangular (XXIII-K11). Recipientes com esta morfologia podem ser atribuídos em Palmela ao século X (FERNAN-

DES 2001, 192 fig. 9f) enquanto que os exemplares com decoração em manganês e verde assim como também, com vitrais mono- ou policromáticos são muito típicos dos séculos X-XI (VALDÉS 1985, 233 fig. 95; 234 fig. 96; BUGALHÃO ET AL. 2001, 140 Nº. 53). Às vezes as tigelas vidradas encontram-se ainda em contextos do século XII (BUGALHÃO ET AL. 2001, 141 Nº. 57).

No caso dos dois fragmentos com a base em pé anelar, proveniente do Cerro da Vila (XXIII-K14.K15) observam-se vidrados bicromáticos (melado e manganês; verde e manganês). Tigelas com um pé e uma decoração em melado e manganês já eram produzidas na época califal e são bem conhecidas nos contextos almorávidas, enquanto que já são menos frequentes nos níveis almóadas (CATARINO 1998, 776 tipo 5B). No caso concreto, sem uma indicação da forma do bordo e respectivo lábio, não é possível atribuir uma tipologia exacta. Mas em geral pode-se notar que, especialmente, as tigelas com pé triangular (XXIII-K15) são identificáveis nos materiais de Madīnat az-Zahra' (CANO 1996, fig. 4 SA475) e da Alcáçova de Badajoz (VALDÉS 1985, 222 fig. 102, 7.8.13; 252 fig. 109, 1.2; 259 fig. 114, 8). Por isso pode ser-lhes atribuída na sua maioria uma cronologia para os séculos X-XI (GUTIÉRREZ 1996, 134 V27.3; 27.4; TORRES ET AL. 1991, 506).

### Série 11 – Caçoilas contracurvadas

Parte das formas mais antigas da cerâmica islâmica são os fragmentos das caçoilas ou frigideiras com um perfil contracurvado (XXVI-K3; MATOS 1991a, Nº. 145), no caso com um bordo oblíquo formando uma garganta interna para acolher uma tampa (comparar com GOMES ET AL. 2003, 28 fig. 4, Q37/C4-5 – Q39/C4-7). Provavelmente temos de contar novamente com uma evolução desde as formas romanas e visigóticas mais antigas (ALARÇAO 1975, lâm. 32, 659; CATARINO 1998, 766 tipo 3A). Caçoilas comparáveis às que foram encontradas apresentam um perfil não tão acentuado e menos elementos decorativos (CASTILLO ET AL. 1993, 83 lâm. 3, 4-6; 104 lâm. 14, 5-6; MOTOS 1991, 35 fig. 2, 3). Recipientes parecidos encontraram-se ainda em contextos emirais e califais (ACIÉN ET AL. 2003, 437 fig. 16, 117-120; comparar com GUTIÉRREZ 1996, 120 T27.3; ARRUDA ET AL. 2003, 258 fig. 5, 7.8).

### Série 12 – Caçoilas bitroncocónicas

Bordos sublinhados, normalmente oblíquos ou verticais são característicos para este tipo de caçoilas bitroncocónicas (XXVI-K2.K4; XXX-K8). São formas produzidas a partir da época taifal, que dominaram nos níveis almorávidas e almóadas e ainda estavam em uso na época da reconquista cristã (CATARINO 1998, 767 tipo 3B). Pode-se imaginar que esta forma é um derivado das caçoilas da série 11 com perfil contracurvado (ACIÉN ET AL. 2003, 437). Tradicionalmente os exemplares com uma parede carenada são atribuídos aos séculos X e XI (VALDÉS 1985, 143 fig. 31, 16; GOMEZ 1997, 129 Nº. 18. 19. 20-24; FERNANDES 2001, 193 fig. 11) mas tem precursores já em contextos emirais (SALVATIERRA ET AL. 2000, 133 lâm. 49; ALBA ET AL. 2003, fig. 10 cazuela 1). Embora sejam raras, caçoilas com perfil bitroncocónico podem ainda ser identificadas no século XII (MACÍAS 1991, 412 Nº. 16; CATARINO 1998, 767; ARRUDA ET AL. 2003, 258 fig. 5, 4 e 5). Para a única caçoila com vidrado encontrada no Cerro da Vila (XXVII-K2) existe um bom paralelismo em outra proveniente da Alcáçova de Badajoz (VALDÉS 1985, 248 fig. 105, 5. 7. 19).

### Série 13 – Alguidares

Exemplares destes alguidares com bordo extrovertido (XXVIII-K3) encontram-se em contextos califais e taifais (CATARINO 1999, 119 seg. 130 fig. 2, 14; RIERA 1999, 189 fig. 9, 1). Nomeadamente as caneluras visíveis na parede e no bordo são também conhecidas dos ataifores da mesma época (CASTILLO ET AL. 1993, 84 fig. 4, 10). Uma boa imagem da longa tradição desta forma do bordo é-nos dada já por cerâmicas que pertenciam à época tardo - romana (CATARINO 1998, 807 tipo 16C; GOMES ET AL. 2003, 34 fig. 8 Q39/C4-9).

Uma datação exacta dos alguidares mais simples, com corpo aproximadamente cónico, sem acentuação do bordo torna-se mais difícil (XXXI-K8). Ainda se podem encontrar variantes realizadas com a técnica do torno lento ou de fabrico manual no século IX, mas os exemplares de torno podem ser atribuídos principalmente à época taifal (GUTIÉRREZ 1996, 92 seg. M27.4.3; M28.1; CATARINO 1998, 806 seg. tipo 16B).

### Série 14 – Candis

Dentro dos candis com bico de pato encontrados no Cerro da Vila, existe um exemplar com decoração em engobe castanho - manganés (XXVI-I2). O corpo globular e o seu relativo grande diâmetro é bem conhecido de contextos emirais e califais (ZOZAYA 1978, fig. 4c; NAVARRO 1991, 33; 58 fig. 10; MOTOS 1991, 48 seg. fig. 16; ÍÑIGUEZ ET AL. 1993, 130 seg.; VON KEMNITZ 1994, 435 seg.; RETUERCE 1998, tipo 1b.c.).

Os outros exemplares mostram um vidrado monocromático (XXIII-I1.I2; XXVI-I1; Matos 1991a, Nº. 067-068) o melado e o verde-escuro, são limitados por traços de engobe manganés (corda seca parcial). Todos estes pertencem à forma clássica dos candis com perfil bitroncocónico, produzidos a partir do século X e muito comuns no século XI (CATARINO 1998, 800 tipo 19B; comp. VON KEMNITZ 1994, 448 seg.; GUTIÉRREZ 1996, 136 seg. V33; RETUERCE 1998, tipo P.1e-f). No caso do Castelo de Silves nota-se já uma menor frequência nos níveis da época almorávida (GOMES 1988, 212 Q7/C3-1; MACIAS 1991, 424 Nº. 64).

### Conclusão

Em resumo, a distribuição das várias formas e das técnicas de decoração da cerâmica nas diferentes unidades estratigráficas parece ser muito homogénea. Provavelmente por causa da apresentação selectiva dos materiais por L. de Matos, as unidades mais antigas não são claramente identificáveis. Do ponto de vista tipológico somente a unidade XIV tem um aspecto mais antigo, não só por causa da inexistência quase absoluta de materiais com vidrado mas também devido à existência de decoração em engobe. No entanto também é possível encontrar concordâncias com a unidade XXIII, onde se puderam identificar já formas mais recentes e vidrados bicromáticos.

Problemas idênticos de mistura de diferentes formas tipológicas notam-se nas unidades XXVI, XXVII, XXX e XXXI. Pelo contrário, as unidades XXVIII e XXIX mostram poucas concordâncias com as anteriores, enquanto que os jarros pequenos XXVIII-K2 e XXIX-K4, que existem aqui, podem ser um indício de uma cronologia mais antiga. Mas no mesmo momento, identifica-se na unidade XXVIII um aquamanis com um engobe em corda seca parcial, uma técnica que existe também num can-

da unidade XXVI (!1). Esta coexistência de formas bem diferentes no âmbito da cronologia tradicional nas mesmas unidades estratigráficas, dificulta gravemente uma datação mais exacta dos níveis de ocupação no Cerro da Vila e chama mais uma vez a atenção para a fragilidade do actual sistema de classificação e datação para a cerâmica do Al-Andalus.

Não obstante, o estudo morfológico e tipológico das cerâmicas associadas, confirma, do ponto de vista arqueológico, uma zona povoada continuamente, sem interrupções desde o início da época imperial romana, durante toda a época visigoda, até à época islâmica. Ainda que a maior percentagem do material seja atribuível à fase califal, outras formas e variantes mais recentes provêm da continuação da ocupação até à segunda metade do século XI ou provavelmente até ao início do século XII.

Da mesma forma a análise arquitectónica das construções atribuíveis no Cerro da Vila à época pós - romana e islâmica indica a existência de casas monocelulares e de outras com um pátio interno, características do meio rural do Al-Andalus. Resumindo, as novas investigações da Universidade de Frankfurt no Cerro da Vila documentaram não só a evolução de uma aglomeração portuária dedicada à elaboração de produtos com base em recursos marinhos na época romana, mas também a continuidade de uma aldeia do mar no *Gharb-al-Andalus*, que existia baseada na sua economia piscatória e portuária, no mínimo até à época das Taifas.

#### BIBLIOGRAFIA

- ACIÉN ET AL. 2003: M. Acién Almansa / J. M. Castaño Aguilar / I. Nayarro Luengo / J. B. Salado Escaño / M. Vera Reina, Cerámicas tardorromanas y altomedievales en Málaga, Ronda y Morón. In: CABALLERO ET AL. 2003, 411-454.
- ALARCÃO 1975: J. de Alarcão, Fouilles de Conimbriga V. La céramique commune locale et régionale (Paris 1975).
- ALBA ET AL. 2003: M. Alba / S. Feijoo, Pautas evolutivas de la cerámica común de Mérida en épocas visigoda y emiral. In: CABALLERO ET AL. 2003, 483-504.

- ALVAREZ 1987: Y. Alvarez Delgado, Cerámicas comunes con y sin decoración, siglo IX. Arcávica (Cuenca). In: II Congr. Arqueología Medieval Española (Madrid 1987) 403-412.
- ARRUDA ET AL. 2003: A. Ma. Arruda / R. R. de Almeida / V. Teixeira de Freitas, O sítio islâmico do Tejo do Praia, Quinta do Lago, Loulé: uma primeira análise e caracterização. Xelb, Silves, CM Silves [= Actas do 1º Encontro de Arqueologia do Algarve 2001] nº 4, 2003, 247-264.
- BAZZANA 1992: A. Bazzana, Maison d'al Andalus. Habitat médiéval et structure du peuplement dans l'Espagne oriental. Coll. Casa de Velázquez 37 (Madrid 1992).
- BAZZANA 2002: A. Bazzana, La maison rural dans la péninsule ibérique: un atelier d'ethno-archéologie. In: The Rural house from the migration period to the oldest still standing buildings. *Ruralia IV* (Prag 2002), 216-231.
- BOONE 1993: J. L. Boone, The third season of excavations at Alcaria Longa. Arqueología Medieval 2, 1993, 111-125.
- BOONE 2001: J. L. Boone, Tribalism, Ethnicity, and Islamization in the Baixo Alentejo of Portugal: Preliminary results of investigation into transitional period (AD 550-850) rural settlements. *Era - Arqueología* 4, 2001, 104-121.
- BUGALHÃO ET AL. 2001: J. Bugalhão / D. Folgado, O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. *Arqueología Medieval* 7, 2001, 111-145.
- CEVPP: Cerámicas de época visigoda en la Península Ibérica. Precedentes y perduraciones. In: Lisboa 1991, 49-67.
- CAMIÑO ET AL. 2003: M. del Camino Fuertes Santos / Hidalgo Pietro, Céramicas tardorromanas y altomedievales de Córdoba. In: CABALLERO ET AL. 2003, 505-541.
- CABALLERO ET AL. 2003: L. Caballero / P. Mateos / M. Retuerce (eds.), Céramicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad. Anejos del Archivo Español de Arqueología 28 (Madrid 2003).
- CANO 1996: C. Cano Pietra, La cerámica verde-manganeso de Madinat al-Zahra (Granada 1996).
- CARVALHO ET AL. 1993: A. Rafael Carvalho / I. Cristina Fernandes, Arqueología em Palmela 1988-1993 (Palmela 1993).
- CASTILLO ET AL. 1993: F. Castillo Gáldeano / R. Martínez Madrid, Producciones cerámicas en Bayyāna. In: MALPICA 1993, 67-116.
- CATARINO 1998: H. Catarino, O Algarve oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recitos fortificados. Al-'Ulyā. Revista do arquivo histórico municipal de Loulé 6, 1997/1998 (Loulé 1998).
- CATARINO 1999: H. Catarino, Cerâmicas omíadas do Ghrib Al-andalus: Resultados arqueológicos no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias (Alcoutim). Arqueología y Territorio Medieval 6, 1999, 113-132.
- COELHO 2000: C. Coelho, A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada. *Revista Portuguesa de Arqueología* 3 (1), 2000, 207-225.
- FERNANDES 2001: I. C. Ferreira Fernandes, A península de Setúbal em época islâmica. *Arqueología Medieval* 7, 2001, 185-196.
- FUERTES ET AL. 1993: Ma. del Camino Fuertes Santos / M. González Virseda, Avance al estudio tipológico de la cerámica medieval del yacimiento de Cercadilla, Córdoba. Materiales emirales. In: IV Congreso de Arqueología Medieval Española (Alicante 1993) 771-778.
- GAMITO 1998: T. J. Gamito, Povoamento rural no Gharb. In: C. Torres / S. Macias, Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo (Lisboa 1998).
- GOMES 1988: R. Varela Gomes, Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves. Xelb nº1 (Silves 1988).
- GOMES 2003: R. Varela Gomes, Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a Alcáçova. Trabalhos de Arqueologia 35 (Lissabon 2003).
- GOMES ET AL. 2001: R. Varela Gomes / V. Teixeira de Assunção / M. J. Varcelo, Povoado Muçulmano na Ponta do Castelo (Aljezur). *Al-Madan* II 10, 2001, 200-201.
- GOMES ET AL. 2003: M. Varela Gomes / R. Varela Gomes, Cerâmicas alto-medievais de Silves. In: Actas das 3as Jornadas da Cerâmica Medieval e Pós-Medieval (Tondela 2003) 23-48.
- GOMEZ 1997: A. Gomez Becerra, La cerámica emiral y califal de Almuñécar (Granada). *Arqueología Medieval* 5, 1997, 117-135.
- GONÇALVES ET AL. 2003: A. Gonçalves / Th. Schierl / F. Teichner, A change of pottery style under Dom Sancho II? A coin-dated pottery sequence from a medieval silo excavated in the cloister of the city museum of Évora (Alentejo, Portugal). *Arqueología Medieval* 8, 2003, 237-252.
- GUERRA ET AL. 1993: A. Guerra / C. Fabião, Uma fortificação omíada em Mesas de Castelinho (Almodôvar). *Arqueología Medieval* 2, 1993, 85-102.
- GUTIÉRREZ 1996: S. Gutiérrez Lloret, La cora de Tudmir de la antigüedad tardía al mundo islámico. Poblamiento y cultura material. Coll. Casa de Velázquez 57 (Madrid / Alicante 1996).
- GUTIÉRREZ ET AL. 2003: S. Gutiérrez Lloret / B. Gamó Parras / V. Amorós Ruiz, Los contextos cerámicos altomedievales del Tolmo de Minatela y la cerámica altomedieval en el Sudeste de la Península Ibérica. In: CABALLERO ET AL. 2003, 119-168.
- ÍÑIGUEZ ET AL. 1993: M. C. Íñiguez Sánchez / J. F. Mayorga Mayorga, Un altar emiral en Málaga. In: MALPICA 1996, 117-138.
- VON KENNITZ 1994: E.-M. von Kennitz, *Cardis da coleção do Museu Nacional de Arqueologia. O Arqueólogo Português* IV, 11/12, 1993/94, 427-472.
- LISBOA 1991: A cerâmica medieval no mediterrâneo ocidental (Mértola 1991).
- MACIAS 1991: S. Macias, Um conjunto cerâmico de Mértola - silos 4 e 5. In: LISBOA 1991, 405-427.
- MACIAS 1996: S. Macias, Mértola Islâmica. Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII) (Mértola 1996).

- MALPICA 1993: A. Malpica Cuello (Hrsg.), La cerámica altomedieval en el sur de al-Andalus. Primer Encuentro de Arqueología y Patrimonio (Granada 1993)
- MATOS 1983: J.L. de Matos, *Malgas árabes do Cerro da Vila*. O Arqueólogo Português IV, 1, 1983, 375-390.
- MATOS 1991a: J. L. de Matos, Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila. In: LISBOA 1991, 429-456.
- MATOS 1991b: J. L. de Matos, Influências orientais na cerâmica muçulmana do Sul de Portugal. In: O Llegado Cultural de Judeos e Mouros, Estudos Orientais 2, 1991, 75-83.
- MATOS 1997a: J. L. de Matos, – Cerro de Vila. In: M. F. Barata / R. Parreira (Hrsg.), Noventa séculos entre a serra e o mar (Lisboa 1997), 387-394.
- MATOS 1997b: J. L. de Matos, – O período islâmico no Cerro de Vila. In: M. F. Barata / R. Parreira (Hrsg.), Noventa séculos entre a serra e o mar (Lisboa 1997) 459-467.
- MELRO ET AL. 2004: S. Melro / A. Gonçalves / S. Clélia, Intervenção Arqueológica nas Alcarias dos Guerreiros de Cima: Resultados preliminares. Era – Arqueologia 6, 2004, 62-81.
- MOTOS 1991: E. Motos Guirao, El poblado medieval de „El Castillón“ (Montefrío, Granada). Estudio de sus materiales (Granada 1991).
- NAVARRO 1991: M. R. Navarro Lárra, La cerámica de Marmuyas. Cuadernos de la Alhambra 27, 1991, 27-63.
- PIRES ET AL. 2003: A Pires / M. Ferreira, Povoado Islâmico da Portela 3: Resultados Preliminares. Xelb, Silves, CM Silves [= Actas do 1º Encontro de Arqueologia do Algarve 2001] nº 4, 2003, 279-324.
- RAMALHO ET AL. 2001: M. M. Ramalho / C. Lopes / J. Custódio / M. J. Valente, Vestígios da Santarém islâmica – um silo no convento de S. Francisco. Arqueología Medieval 7, 2001, 147-183.
- REUERCE 1998: M. Retuerce Velasco, La cerámica andalusí de la Meseta (Madrid 1998).
- REUERCE ET AL. 1991: M. Retuerce Velasco / J. Zozaya, Variantes y constantes en la cerámica andalusí. In: LISBOA 1991, 315-322.
- RIERA 1999: M. M. Riera Frau, Cerámicas emirales y califales halladas en Mallorca. Arqueología y Territorio medieval 6, 1999, 177-190.
- SALVIERRA ET AL. 2000: V. Salvierra Cuenca / J. C. Castillo Armenteros, Los asentamientos emirales de Peñaflor y Miguelico. El poblamiento hispano-musulmán de Andalucía oriental. La campaña de Jaén (1987-1992) (Sevilla 2000).
- TEICHNER 1994: F. Teichner, Acerca da vila romana de Milreu/Estoi – Continuidade da ocupação na época árabe. Arqueología Medieval 3, 1994, 89-100.
- TEICHNER 2004: F. Teichner, Purpur, Olivenöl und Fischsauen als Exportartikel. Wirtschaftsarchäologische Untersuchungen am Rande der antiken Welt in Lusitanien. Forschung Frankfurt aktuell, 60-63.
- TEICHNER 2005a: F. Teichner, 'De lo romano a lo árabe' – La etapa de transición en el sur de la provincia da Lusitania al-Gharb de al-Andalus (nuevas investigaciones en los yacimientos de Milreu e Cerro da Vila). Anejos do Archivo Español de Arqueología, Madrid, CSIC, 2005, no prelo.
- TEICHNER 2005b: F. Teichner, Cerro da Vila – aglomeração secundária e centro de produção de tinta no sul da província Lusitânia. Xelb nº 5, Silves, CM Silves [=Actas do 2º Encontro de Arqueologia do Algarve] nº 5, 2005, 81-96.
- TEICHNER 2005c: F. Teichner, Arquitectura doméstica romana no litoral algarvio: Cerro da Vila (Quarteira). Estudos IPPAR, Lisboa, IPPAR. Vol. 7, 2005, 206-211.
- TEICHNER 2005d: F. Teichner, Cerro da Vila: paleoestuário, aglomeração secundária e centro de fabricação de recursos marítimos. Actas do Simpósio Internacional em homenagem a Françoise Mayet. Setubal Arqueologia 2005, no prelo.
- TEICHNER 2006a: F. Teichner, Mittelalterliche und neuzeitliche Fundkeramik aus den Grabungen des DAI in Évora (Portugal). Madr. Mitt. 2006 (em prensa).
- TEICHNER 2006b: F. Teichner, Zwischen Land und Meer – Entre tierra y mar. Studien zur Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungen im Süden der römischen Provinz Lusitanien. Studia Lusitanica (MNAR) / Madrider Beitr. (DAI) (Merida) no prelo.
- TORRES 1987: C. Torres, Cerâmica islâmica portuguesa – Catálogo (Mértola 1987).
- TORRES ET AL. 1991: C. Torres / M. P. Palma / M. Rego / S. Macias, Cerâmica islâmica de Mértola – propostas de cronologia e funcionalidade. In: LISBOA 1991, 497-536.
- TRINDADE ET AL. 2003: L. Trindade / A. M. Dias Diogo, Cerâmicas de um Silo da Alcáçova de Santarém. In: Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-Medieval (Tondela 2003) 145-150.
- VALDÉS 1985: F. Valdés Fernández, La Alcazaba de Badajoz. I- Hallazgos islámicos (1977-1982) y testar de la Puerta del Pilar. EAE 144 (Madrid 1985).
- VALLEJO ET AL. 1999: A. Vallejo Trianco / J. Escudero Aranda, Aportaciones para una tipología de la cerámica común califal de Madinat al-Zahra. Arqueología y Territorio Medieval 6, 1999, 133-176.
- VIEGAS ET AL. 1999: C. Viegas / A. M. Arruda, Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém. Revista Portuguesa de Arqueología 2 (2), 1999, 105-186.
- ZOZAYA 1978: J. Zozaya, Aperçu général sur le céramique espagnole. In: La céramique médiévale en méditerranée occidentale – Valbonne 1978 (Paris 1980) 265-296.